



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

CIVILIDADE, SENSIBILIDADE E COTIDIANO FAMILIAR NO BRASIL IMPÉRIO: O EXEMPLO DAS “CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE CORA”

Flávio Carreiro de Santana*

1

Tomando como exemplo a obra “Cartas sobre a educação de Cora”, este artigo pretende discorrer sobre a importância da civilidade no seio da família brasileira durante os primeiros anos do Segundo Reinado brasileiro. Para efeito, tomaremos essa obra como exemplo para a análise da educação feminina no tocante aos preceitos de regulação social, e que envolvem os valores da distinção e da polidez como matizes de uma “boa educação”, e que incidia na formação de certa pedagogia dos sentidos. Assim, não polemizaremos o grau de educação recebida (ou não) pela citada personagem Cora, interessando-nos, particularmente, pelas assertivas encaminhadas pelo autor ao público leitor.

Em se tratando de um texto de lavra doméstica, visto que a obra analisada fora escrita pelo Dr. José Lino Coutinho à sua filha Cora Coutinho, o conjunto de cartas para os cuidados com a boa formação da sua filha, já era de conhecimento das pessoas mais próximas da família desde o ano de 1836. Contudo, motivada pelo comércio de

* Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande e Doutorando em História pela Universidade de Coimbra – PT, sob orientação da Professora Catedrática Doutora Irene Vaquinhas. Atualmente é professor dos Cursos de História da Universidade Estadual da Paraíba e Universidade Estadual Vale do Acaraú – Campina Grande/PB.

obras que buscavam valorizar a educação moral à luz de preceitos civilizatórios, e aliando aos cuidados médicos de formação do autor, a “Cartas sobre a educação de Cora” ganharia edição em 1849 na província da Bahia¹.

Ao sucesso da obra se soma o tom da narrativa proposta, nada incomum para a época: a escrita intimista demonstra os cuidados de um zeloso pai-médico da “boa sociedade” baiana, ora encaminhada a sua “boa amiga” (então uma educadora escolhida pelo Dr. Lino Coutinho), ora dirigida à apreciação da própria Cora. Os diferentes encaminhamentos tinham uma justificativa: por se tratar dos primeiros anos de vida da criança, as missivas foram dirigidas à educadora da pequena Cora, sua principal zeladora durante a primeira infância e início da mocidade; a segunda parte da obra, e que se estabelecia já com a mocidade e início da fase adulta, era dirigida à própria Cora, já capaz de entender, sem interdição da preceptora, os conselhos do pai.

Para tanto, o conjunto de cartas procuravam bem mais do que estabelecer comunicação entre o pai zeloso com sua filha: a correspondência pretendia formar o melhor modelo de esposa, mãe e mulher, através de um feixe de regras, condutas e sensibilidades próprias ao universo feminino oitocentista, o que coadunava em grande medida com a noção burguesa de vida privada². Passemos, pois, a entender melhor tais contornos do universo de Cora, tão comum e/ou diferente de tantas mulheres brasileiras do Segundo Reinado.

¹ Quem nos comunica tal notícia é Adriana Dantas Reis (2000), ao afirmar que no referido ano as “Cartas (...)” haviam sido citadas na obra *A educação da mulher*, de Afrânio Peixoto. O autor considerava-as, antes mesmo da sua publicação, como um marco na história da educação feminina no Brasil. Ainda mais, afirma essa historiadora que a editoração das “Cartas (...)” foi amplamente comentada pela imprensa baiana, e notadamente combatida pela parcela mais conservadora daquela sociedade, tal como a católica.

² Com isso não queremos aludir que o Dr. Lino Coutinho represente certo “arauto burguês” em suas cartas. Apenas dilatamos nosso interesse de investigação e aproximamos a edição das “Cartas (...)” à noção burguesa de vida privada, posto que esteja datada praticamente no início da segunda metade do século XIX. Nesse sentido, amparamo-nos na contribuição da historiadora Irene Vaquinhas ao associar a noção de vida burguesa à expressão dos sentimentos, incidindo no lar o fundamento da coesão familiar, enquanto espaço da materialização dos afetos, logo que se considerava a vida pública controlada pelos signos da razão. A propósito ver VAQUINHAS, Irene. Introdução In: **História da vida privada em Portugal – Época Contemporânea**. Circulo de Leitores, 2011. (coleção Temas e Debates)

CONTORNOS FEMININOS A PARTIR DE CORA: UMA AMOSTRA DO LUGAR DA FAMÍLIA E DA CIVILIDADE NO BRASIL OITOCENTISTA.

Cora Coutinho (1819-1880) poderia ser uma personagem de ficção, mas não foi. Dela sabemos que em vida adulta contraiu matrimônio com Francisco Sodré Pereira, e, por isso, se tornaria a Baronesa de Alagoinha em 1879, já no fim da sua vida. Mas os caminhos de Cora até o baronato poderiam ser bem diferentes, não fosse certo cuidado com sua educação desde os primeiros anos vida, e, claro, se não tivesse ela uma destacada ascendência paterna³.

Da mãe sabemos que era poetisa e se chamava Ildefonsa Laura César, mas que não fora casada com o Dr. José Lino Coutinho. Fosse por “desvarios” da juventude ou por que a mãe não se projetava como pertencente a alguma importante família, Cora cresceu sem conhecer o que era conviver num lar com um pai e uma mãe, ambos unidos pelo laço do casamento⁴. Por isso mesmo, foi delegada para si uma preceptora, para que sua educação fosse esmerada, conforme os ditames da “boa família” e da “boa sociedade” baiana. Essa era uma preocupação levada a sério pelo pai, ao se motivar na escrita de tais missivas ao seu cuidado, logo que, afirmava, “*nada os filhos são devedores aos Paes se não da educação*”⁵. Lembremos mais: tais conselhos lhe eram caros, e sua preceptora, da qual nada se sabe, deveria bem perceber, logo que Cora crescería sem o tal modelo ideal de família, mas que, nem por isso, deveria se ausentar

³ Filho de portugueses, mas nascido na Bahia, o Dr. José Lino Coutinho (1786-1836), formou-se médico pela Universidade de Coimbra, partindo brevemente para a Inglaterra e França. De retorno à terra natal exerceu, além da medicina, o cargo de deputado pela Assembléia Geral Legislativa, tendo sido Membro da junta Provincial da Bahia e Deputado às Cortes de Portugal. Foi ainda nomeado Conselheiro e Médico honorário de D. Pedro I, chegando a posto de ministro durante o período regencial. Sabe-se que fora casado com D. Maria Adelaide Sodré em 1834. Acompanhando Cora um dote no valor de dezesseis contos de réis, de certo seu casamento foi arranjado pelo pai, posto que o pretendente a marido fosse filho natural de Francisco Maria Sodré Pereira, então sogro do Dr. Lino Coutinho. Cora se casaria um mês após o casamento do pai. A propósito ver importante obra sobre o tema: REIS, Adriana Dantas. **Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX**. Nº 147. Salvador: FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.

⁴ O desconhecimento sobre a vida da poetisa Ildefonsa César já havia sido aludido por Dinoah d’Araújo Berbet de Castro. Igual omissão se estende a preceptora de Cora. Para efeito, considera esse autor que seria improvável que as “Cartas” tivessem sido remetidas à mãe de Cora, logo que era mantido o pudor na sociedade baiana de outrora, e manifestar maiores intimidades entre os pais não seria de bom tom, ainda mais pelo fato da senhora Ildefonsa César também já estava casada. A propósito ver CASTRO, Dinoah d’Araújo Berbet de. **Cartas sobre a educação de Cora do Dr. José Lino Coutinho**. Salvador: Ed. Beneditina/Universidade Católica do Salvador, 1977.

⁵ COUTINHO, 1849, p. 07.

de conhecer os seus caros valores. Some-se ao fato, também incomum para uma menina como Cora, que era o de ver um pai tão empenhado em sua educação moral, posto que essa devesse ser feita, especialmente, pela figura materna.

A formação dos valores de ser esposa-mãe-mulher passava, precipuamente, pelo zelo com sua formação de Cora. Não por acaso, os sentidos de pequena menina deveriam ser guiados por princípios nobres, mas não antigos; arrojados, mas não ofensivos aos limites da sua condição feminina. Logo, pensando no bem comum, as cartas, antes de domínio privado, ganhariam publicidade em 1849, quando então foram editadas. O motivo para tal visibilidade parecia justo ao pai-autor, ao afirmar que se julgava altamente recompensado se “*com a leitura e prática as meninas brasileiras receberem uma mais rasoavel e justa educação, pois que até hoje ella tem sido má e rutineira*”⁶.

Os cuidados com a pequena Cora deveriam começar ainda na primeira infância. Nessa primeira fase da vida que se estendia até os sete anos de idade, os tratos com sua educação recaia aos cuidados com a educação física, com as providências de higiene e a desvelada cultura moral e religiosa.

Assim, pensava-se no desenvolvimento e fortalecimento do organismo da criança. Por isso, assegurava, “*a vida dos meninos se reduz a absolutamente á trez coisas – comer, brincar, e dormir, e de facto ellas são essencialmente precisas para um corpo que cresce e se desenvolve*”⁷. Aconselhando como médico, aferia cuidado ainda com a limpeza do corpo e dos vestidos, pois não raras eram as doenças de pele daí decorrentes. Para efeito, recomendava que fossem as crianças lavadas com frequência, não apenas por que naturalmente estas se sujavam em brincadeiras, mas também por que comumente estas transpirariam muito em nosso clima quente.

Nessa primeira fase da vida, funções e exemplos deveriam ser bem dirigidos pelos pais ou mestres, posto que as crianças apenas copiassem os comportamentos adultos, logo que eram “*insignes imitadores dos homens já crescidos*”⁸. Porque imitadora dos modos adultos, alertava o pai sobre os cuidados quanto ao contato de

⁶ Ibid., p. XXIV.

⁷ Ibid., p. 25.

⁸ Ibid., p. 36.

Cora com os indesejáveis escravos, estes considerados verdadeiros corruptores da boa educação e civilidade, pela familiaridade com que se inseriam no cotidiano das crianças brasileiras. Por isso, assegurava à preceptora da filha que esta devia “*pôr todo o cuidado em que ella evite e desconheça a linguagem estropeada dos escravos africanos, e da gente mais baixa, que de ordinário falla mal e viciosamente*”⁹.

A educação polida de Cora em muito dependia de resguardá-la dos problemas sociais que a cercavam. Retirar-lhe o convívio dos escravos, ainda mais numa província como a Bahia, não era tarefa das mais fáceis. Porém, a civilidade não apenas de Cora, bem como de todos, assentava em maior ou menor medida nessa máxima: a recusa por modelos bárbaros de vida; a repulsa pela torpeza das pessoas consideradas inferiores; a distância da sociedade corruptora dos bons modos. Não por outra razão se alertava também que “*é com a frequencia das boas e honestas sociedades, e com o tracto da gente polida, que se adquirem as boas maneiras e a civilidade*”. Logo, se a polidez se aprendia desde cedo pelo efeito de imitação, seguramente não estaria entre a escravaria ou pessoas inferiores a melhor escola ou exemplo, e por isso, dela se deveriam afastar as pessoas distintas.

As marcas da distinção social de Cora ainda dependiam de outra variante: educá-la dentro de certos preceitos da razão, mas não de forma meramente figurativa ou romanesca como no passado se detinha o letramento feminino, nem em demasia sabedoria que lhe rogasse ares de literata, qualidade considerada masculina. Assim, Cora deveria saber ler e escrever: deveria melhorar a ortografia, fazer a leitura de certa literatura nacional, mas, sobretudo, portuguesa, logo que aprenderia a falar com perfeição através do domínio da gramática contida na linguagem castiça. Sua desenvoltura também dependia do conhecimento, ainda na infância, da língua francesa, bem como de certa educação para a música, nomeadamente à prática do canto e do toque ao piano¹⁰.

⁹ Ibid., p. 41.

¹⁰ Como bem pontuou Alain Corbin, os ritos da privacidade feminina no século XIX marcavam certas distinções sociais ao exibir a frágil ou a esmerada educação que recebera uma jovem. Nesse sentido, a atenção de uma menina, dividida entre bonecas ou um animal de estimação, deveria ser acrescida de prendas notáveis, tais como o uso do piano. Tocar bem o piano revelava publicamente os cuidados com uma boa educação, além de permitir-lhes dedilhar, na intimidade, suas sensibilidades. A propósito ver CORBIN, Alain Os segredos dos indivíduos In: PERROT, Michelle (org.). **História da**

Tratada na medida, Cora ainda devia conhecer a história natural do homem e da mulher, não para figurar como naturalista, mas como orná-la com pinceladas de mulher bem instruída. Some-se ainda o entendimento da história ou quadro das “*gerações defuntas*”, para se conhecer os progressos da humanidade e daí retirarem “*boas lições para o futuro*”. Noções de astronomia física, geografia universal e particular também não deveriam ser esquecidas¹¹.

Chegada à segunda fase da infância da menina, ou seja, aquela que se estendia dos sete anos aos treze/quatorze anos, cuja ruptura era marcada pela primeira menstruação, era dado o sinal da fertilidade, “*indicando que ella já pode ser Mãe*”, Dr. Lino Coutinho passou a dedicar ao tema uma extensa carta (de número XXII), onde expunha os cuidados médicos-higiênicos atinentes ao período menstrual. A transição nessa fase aparece de modo mais tenso, vistas as alterações no corpo e na mente das crianças, o que requeria maior apuro na educação e instrução de Cora. Não sem propósito, afirmava o pai que, nessa fase da vida:

Cora deve necessariamente reflectir acerca do que faz e vê fazer aos outros, todo o cuidado deveis ter agora em suas ações e palavras, afim de que sejam honestas, graves e polidas, porque nada há mais feio do que ver uma menina desenvolta de língua, e desarranjada de acções (...)

Atentando para que as palavras de Cora fossem escolhidas e limpas, suas ações graves e circunspectas, e seu andar majestoso em afetação teatral, mais uma vez era preciso alertar para o mau convívio com a escravaria, ou mais especificamente, com as escravas. Estas eram consideradas imorais, logo que falavam e obravam sem qualquer pudor, o avesso das sociedades “*escolhidas*”, consideradas uma verdadeira escola de boa conversação e maneiras.

vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Volume 4. 5ª edição. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

¹¹ Como exemplificado, os cuidados com Cora rompiam apenas com sua educação moral, incidindo grande atenção também com sua instrução. Para tanto, essa dupla formação engendrada pela educação e pela instrução no período da infância, foi marcada por especial tensão durante o século XIX, logo que gerava polêmica e controvérsias sobre o lugar do saber e o lugar da moral na vida das crianças: se aquela podia ser aprendida na escola através de um ensino enciclopédico, essa só poderia cumprir sua finalidade nos domínios da vida privada. Para maior compreensão sobre o tema ver MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das crianças no Brasil.** 6ª edição. São Paulo: Contexto, 2009.

Vestida com modelos singelos e decentes, em nada despertando a sensualidade dos homens, a Cora devia ser evitado qualquer nudez, posto que só as libertinas se descobrem seus corpos para serem apetevidos e apreciados, embotando a vista e caindo em despreço o ideal de beleza feminina. Em idade considerada “tão perigosa”, também seria interessante afastar Cora de tudo aquilo que favorece as fantasias, as paixões e exaltações, a exemplo dos “romances amatórios”, versos, músicas, bem como apresentações de dramas amorosos no teatro. Como antídoto contra os arrebatamentos da paixão, prescrevia o pai: “*Para moderar, pois, estas febres do amor, e calmar os fogachos da imaginação, é mister uma leitura honesta e abundante em máximas de moral, de virtudes publicas e privadas*”¹².

Tantos cuidados com relação aos excessos da paixão serviam para que, mais calmamente pudesse Cora aquilatar melhor os seus pretendentes, escolhendo um bom homem. Este deveria ser protetor e amigo, asseado, são e robusto, e que apresentasse todo o “*typo e o caracter do sexo masculino, e não de algum effeminado Adonis*”. Um homem honesto e comedido em palavras e ações, cristão e patriota.

Assim, era durante a juventude ou mocidade que Cora encontrava os maiores desafios para se manter íntegra, somando para si certa distinção, marcado, sobretudo, pelo capital da civilidade. Tal fase se estendia até os 25 anos, considerada uma idade-limite para o arranjo de algum casamento. Com o matrimônio Cora marcaria uma nova distinção: a de ser esposa e mãe.

Rompida à juventude, com ela também iam todos os riscos próprios a fase “*mais crítica da vida moral*”. Até ali todo cuidado e toda vigilância era de pouca monta para a grande obra na vida adulta de Cora, e que iria decidir a “*boa ou má fortuna de todo o resto da vida*”¹³.

Se tornada adulta, era chegado o momento também de Cora constituir sua própria família e se dedicar a seu próprio lar, e logo ornavam seus dotes de esposa e mãe os cuidados domésticos despendidos, enquanto domínio de responsabilidade feminina. Mesmo que rica, deveria Cora prezar pelo trato que toda “mãe de família” assumindo os afazeres da “indústria privada”, tais como “*manejar uma agulha, fazer*

¹² COUTINHO, 1849, p. 84.

¹³ Ibid., p. 11.

bailar um fuso, conduzir um ferro de engomar, fazer sua cozinha”¹⁴. A empreitada de trabalhos domésticos em nada desmerecia a distinção da senhora, antes lhe era um atributo de grande valor, pois dependia dela o arranjo dos maridos, filhos e dos escravos, ou seja, se valorizava os valores de uma esposa e mãe virtuosa, ilustrada, polida, mas não menos participativa na governança e economia doméstica¹⁵.

A vida privada era de domínio feminino, ao menos de acordo com os conselhos do Dr. Lino Coutinho, a firmar a Cora que foi dada a mulher, pela natureza, a sensibilidade, a delicadeza e o carinho para o cuidado com os seus, visto que ao homem cabiam as funções de proteção e amizade, e logo por “índole” não era próprio aos trabalhos domésticos. Nesse sentido, completou:

Tudo o que precisa de cuidados, affagos e consolação, deve procurar o bello sexo, porque ele foi destinado a cuidar do homem desde seu nascimento até a morte, a abrandar seus costumes e maneiras na sociedade, e a procurar-lhe as immensa comodidades da vida doméstica¹⁶.

A dona de casa exemplar, como sendo esse o somatório de boa esposa e mãe, ainda devia servir de modelo também para a criadagem, e esta, na realidade de Cora, era vertida no trato com a escravaria. Evocando uma postura humana e caridosa para com os escravos, pôs-se o Dr. Lino Coutinho atentamente a observar que os mesmo não fossem tratados com familiaridade, antes servindo a Cora como uma “*senhora respeitada e obedecida*”. Respeito e obediência que nunca eram demais, vista a natureza “rebelde” dos escravos, talvez própria da sua “miserável condição”, o que os levava a servir mal ou nunca cuidar bem das suas obrigações.

Especial atenção deveria ter Cora com relação às escravas, estas sim, por conta da sua imoralidade nos serviços da rua, ou quer das que se conservavam em casa, não

¹⁴ Ibid., p.94.

¹⁵ Como apontou Maria Ângela D’Incao, o modelo de família burguesa no Brasil também encontrou ressonância no gosto pela valorização, não só da família, mas pela intimidade e maternidade. A casa era o espaço por excelência onde se projetava esse ideal de harmonia da família nuclear, logo que a família burguesa era “um mundo em si mesmo”, ou seja, em grande medida isolada e auto-suficiente. Assim como fora lavrado para Cora, era no espaço privado que as mulheres desenvolviam os cuidados domésticos, vigiando e disciplinando os filhos e os criados, a medida também que se portava como esposa modelar e boa mãe. Sobre os domínios da mulher na vida burguesa brasileira ver D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto/UNESP, 2008.

¹⁶ COUTINHO, 1849, p. 136.

pouco podiam mortificar “*a uma senhora bem educada e virtuosa*”. Nestes casos, prescrevia logo que as tratassem de casar com algum outro escravo a fim de coibi-las. Castigar qualquer que fosse o escravo nunca ficava bem para uma senhora, antes preferindo repassar a aplicação de algum corretivo aos cuidados do marido, pois nada era mais feio “*aos olhos da razão e do sentimento, do que ver o bello sexo, em cujo coração só deve reinar a paz e a humanidade, armado de instrumentos cruéis e despedaçadores para flagellar seus escravos*”¹⁷.

Igual zelo Cora devia ter com relação a sua presença e imagem, por isso, para que fizesse ela por mais tempo o seu marido o seu amante, era correto que esta nunca desprezasse o alinhamento e arranjo do corpo e vestidos, como faziam “*muitas mulheres casadas*”. Mas nada em excesso, assegurava seu pai, pois não era necessário:

que gasteis vosso toucador todo o tempo preciso á gorvenança da vossa casa, ou que diariamente vos enfeiteis como uma namoradeira (...) só desejo que vos apresenteis á vosso marido, e á toda gente, honestamente penteada, calçada, e apertada, com o vestuário commo e limpo, e que eviteis sempre sua presença n'aquelles actos que, supposto prescriptos pelas precisões da natureza, não devem ser testemunhados¹⁸.

Mesmo diante das precisões da natureza, Cora deveria agir com uma conduta correta, polida, de modo a evitar ranhuras no seu desempenho social, fosse ao ambiente privado ou público, diante do seu marido ou de terceiros. Mais intimamente, as liberdades da natureza também deveriam ser evitadas no quarto ou leito do casal. Nada de se abandonar “*á todos os caprichos e phantasias*”, lembrava o pai, pois desprezível se torna a mulher ao marido quando não dispensa o pudor e a castidade à intimidade conjugal, essa considerada um dever e uma conveniência.

Conquanto, igual zelo deveria ter Cora com o seu marido, como que dela dependesse também a boa figuração que ele fizesse na rua. A propósito disso, era preciso redobrar sua atenção com relação ao alinhamento e asseio dele, nunca consentindo que ele se apresentasse em público sem estar devidamente composto, o que passava a justificar tamanho cuidado: “*nada depõe tanto contra uma mulher e denuncia seu*

¹⁷ Ibid., p. 162-163.

¹⁸ Ibid., p. 125.

desmazelo e pouco affecto, com ver-se o marido despregado, enxovalhado e roto”¹⁹. Logo, se a falta de zelo de uma mulher denunciava sua pobre educação doméstica antes do casamento, o destrato de um marido denunciava a falta de compromisso da sua esposa, agora duplamente culpada pela educação doméstica que não teve e pelos bons modos que não perduravam em sua casa após o matrimônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de significar um produto acabado do ideal burguês oitocentistas no Brasil, a “Cartas sobre a educação de Cora” é antes um importante registro das articulações privadas de certa família na Bahia. Guiada pelo pai por razões muito pontuais, marcada pela ausência da mãe em sua educação, Cora é uma personagem cuja amostra representava tantas outras meninas, e também o esforço dos seus pais para constituírem a “boa sociedade” brasileira, baseada na “boa educação” de suas jovens.

É certo que a publicação das “Cartas (...)” falavam de um tempo em mudanças para a sociedade brasileira, e essa, sem receios, projetava-se nos moldes de uma vida burguesa, o que concentrava grande força na família e no espaço privado. Nesse sentido, lançar uma literatura de lavra doméstica ao consumo de tantos leitores significava partilhar com a coletividade certo modelo de sociedade e comportamento que se queria. Para desempenhar bem sua figuração na “boa sociedade” era preciso cuidados, sobretudo, aprendidos nos domínios do privado, inclusive som a prática de leituras como aquelas possibilitadas pela edição das “Cartas (...)”.

A civilidade, enquanto um desses importantes valores sociais do século XIX para o Brasil, apareceu à Cora de forma sutil, quase imperceptível, não fosse a extrema necessidade em torná-la numa distinta esposa, mãe e mulher. As cartas procuravam esculpir Cora pela nesga da polidez, cuja forma era marcada por um ritmo próprio. Para tanto, suas ações aos olhos alheios, mas também diante de si mesma, não podiam desmerecer o que o pai tanto se esforçara por constituir: a projeção de uma figura feminina de conduta modelar. De certo, a colocação social de Cora como baronesa cumpriria aquilo que seu pai uma vez encaminhara: “(...) *os Paes existem mais nos*

¹⁹ Ibid., p. 137.

filhos, e trabalham em seus bem estar por amor e interesse proprio; e eu serei summamente feliz vendo Cora bem educada e virtuosa”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Dinoah d’Araújo Berbet de. **Cartas sobre a educação de Cora do Dr. José Lino Coutinho**. Salvador: Ed. Beneditina/Universidade Católica do Salvador, 1977.

CORBIN, Alain Os segredos dos indivíduos In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Volume 4. 5ª edição. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

COUTINHO, José Lino. **Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um catecismo moral, político, e religioso**. Bahia: Typografia de Carlos Poggetti, 1849.

D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto/UNESP, 2008.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 6ª edição. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, Adriana Dantas. **Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX**. Nº 147. Salvador: FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.

VAQUINHAS, Irene. Introdução In: **História da vida privada em Portugal – Época Contemporânea**. Circulo de Leitores, 2011. (coleção Temas e Debates).